

O uso de narrativas na pesquisa psicanalítica do imaginário de estudantes universitários sobre o cuidado materno*

*Tania Mara Marques Granato***

*Renata Costa de Toledo Russo****

*Tânia Maria José Aiello-Vaisberg*****

Resumo

Tomando o narrar como conduta através da qual a experiência humana é resgatada do esquecimento pelo narrador que, transmitindo-a de maneira absolutamente singular abre ao outro a possibilidade de viver uma nova experiência, propomos o uso de narrativas como procedimento investigativo dos campos de sentido que fundamentam concepções e vivências na área do cuidado materno e se articulam com o imaginário. Primeiramente elaboramos a parte inicial de uma narrativa que veiculasse um conflito materno, como os que frequentemente observamos em nossa clínica winnicottiana da maternidade, para apresentar a um grupo de estudantes de Educação Física, convidando-os a completar aquela história como lhes aprouvesse. Em seguida, contamos o final da história, previamente criado para esta pesquisa, encerrando o procedimento com um momento de reflexão do grupo sobre a experiência materna, então presentificada pela narrativa. Nossos achados preliminares, brevemente descritos neste trabalho, indicam o potencial heurístico de tal procedimento que, respeitando a regra fundamental do método psicanalítico – associação livre e atenção flutuante – presta-se não somente à investigação dos sentidos que sustentam a experiência humana, como também ao questionamento e/ou modificação de idéias pré-concebidas e posturas assumidas diante dos conflitos apresentados.

Palavras-chave: Narrativa oral, maternidade, imaginário, psicanálise.

The use of narratives in psychoanalytic research of college students' imaginary concerning maternal care *

Abstract

Taking narration as an act through which the human experience may be rescued from oblivion by its narrator, who, in transmitting it in an absolutely unique manner, opens up to others the possibility of living a new experience, we propose the use of narratives as an investigative procedure of the meaning of conceptions and experiences concerning maternal care and its imaginary articulations. First of all, we elaborated the initial part of narratives that convey the idea of maternal conflict, as we frequently observe in our winnicottian clinic of maternity, and presented them to a group of Physical Education students, inviting them to complete whichever suitable story they chose. In the following step, we told them the ending of the story, previously created for this research, closing up the procedure with a group reflection moment over the maternal experience presented by the narrative. Our preliminary results, briefly described in this study, indicate the heuristic potential of such procedure, which, respecting the fundamental rule of the Psychoanalytic Method – free association and evenly suspended attention – serves not only to the purpose of investigating the senses that sustain human experience, but also serves to the questioning and/or modifying of pre-conceived ideas and postures before the presented conflicts.

Keywords: Oral narrative; maternity; imaginary; psychoanalysis.

* Este trabalho é parte de uma pesquisa de pós-doutorado, financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo), em desenvolvimento na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob supervisão da Profa. Livre Docente, Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg.

** taniagranato@uol.com.br

***russo@puc-campinas.edu.br

****aiello.vaisberg@gmail.com

El uso de narrativas en la investigación psicoanalítica del imaginario de estudiantes universitarios sobre el cuidado materno

Resumen

Tomando el narrar como una conducta por medio de la cual la experiencia humana es rescatada del olvido por el narrador que, al transmitirla de un modo absolutamente singular abre al otro la posibilidad de vivir una nueva experiencia, proponemos el uso de narrativas como un procedimiento investigativo de los campos de sentido que sirven de fundación y vivencias en el área de cuidado materno y se articulan con el imaginario. Primeramente construimos la parte inicial de una narrativa que vehiculara un conflicto materno, como los que frecuentemente observamos en nuestra clínica winnicottiana de la maternidad, para presentarla a un grupo de estudiantes de educación física. Ellos fueron invitados a completar la historia como deseasen. A seguir narramos el final de la historia, creado anticipadamente para esta investigación y terminamos el procedimiento con un momento de reflexión sobre la experiencia materna, traída al presente por la narrativa. Nuestros descubrimientos preliminares, brevemente descritos en este trabajo, indican el potencial heurístico de este procedimiento que, respetando la regla básica del método psicoanalítico – asociación libre y atención flotante – sirve no solamente a la investigación de los sentidos que sostienen la experiencia humana, sino que también al cuestionamiento y/o modificación de ideas preconcebidas y posturas adoptadas frente a los conflictos presentados.

Palabras-clave: Narrativa oral, maternidad, imaginario, psicoanálisis.

Introdução

Depois de um século de Psicanálise ainda buscamos demonstrar a importância de nosso objeto de estudo, a eficácia de nosso método e a confiabilidade de nossos resultados, como Freud já tão habilidosamente o fizera, a partir de seus inegáveis dotes literários. Spence (1994a) já apontara como a Psicanálise foi migrando do campo da investigação indutiva para o da retórica pelas mãos hábeis de seu fundador que, escolhendo a dedo seus casos e de posse de argumentos de autoridade, deixou seus seguidores numa condição de submissão e impotência para continuar seu trabalho de maneira crítica e criativa.

Dada a ambiguidade do conhecimento e do fazer psicanalíticos, nos quais cada conceito encontra uma definição para cada analista que o enuncie (Spence 1994b), vozes se levantaram no sentido de definir o tipo de pesquisa que a Psicologia e a Psicanálise, de mãos dadas com outras Ciências Humanas, viriam a defender sob o signo, a nosso ver não menos ambíguo, da Pesquisa Qualitativa (Anadón, 2006; Brito & Leonardos, 2001; Gohier, 2004; Pinto, 2004; Rocha-Coutinho, 2005). Afinal, que qualidade de experiência pesquisamos? E, em seguida, qual é o método adequado a nosso objeto de estudo?

Politzer (1928/1975) buscou responder a essa pergunta situando a dramática humana como objeto da investigação psicanalítica, sendo a narração — tanto a que o paciente faz de suas experiências como sua contraparte, a escuta interpretativa do analista — o método pelo qual nos aproximamos da experiência humana. Bleger (1963/1989), certamente inspirado por Politzer, também

tratou de trazer a Psicanálise para o terreno das ações humanas, propondo que o homem fosse compreendido em seu contexto de vida e que as especulações teóricas se colocassem a serviço do vivido.

Spence (1994c) também caminha nesse sentido ao propor um retorno à observação clínica, enfatizando o contexto do encontro, que inclui a subjetividade do analista e suas teorias; mas parece se perder num tortuoso procedimento de contar os pronomes que um paciente verbaliza numa gravação de setenta horas de análise, associando sua frequência e regularidade às intervenções do terapeuta. Em fase anterior a essa psicanálise um tanto quanto positivista, Spence (1982) enfatizava a construção que veio tomar o lugar do antigo sonho freudiano de reconstrução do passado do paciente, substituindo assim a “verdade histórica” pela “verdade narrativa”, que é relacional e contextualizada. Aconselhava ainda que as teorias fossem vistas como metáforas a serem continuamente substituídas por outras mais adequadas, sempre que a observação clínica assim o orientasse.

Mais tarde, ainda insatisfeito com a incompletude dos estudos de caso, Spence (2001) parece retomar a trilha em direção a um método de registro mais fidedigno do encontro terapêutico. Longe de preconizar o relatório, sugere uma transcrição completa da sessão, onde o analista exporia não apenas o encadeamento das falas e o contexto em que elas ocorrem, mas também seus próprios pensamentos, expondo assim não apenas a “letra”, mas também a “música” do encontro, à semel-

hança dos grandes escritores que retratam a psicologia humana com maestria.

Diante do desafio de encontrar um método de produção de conhecimento que se situe entre a superfície rasa do positivismo e as profundezas turvas da teorização abstrata, buscamos uma alternativa aos dados “duros” das ciências físicas tanto quanto aos construtos teóricos que parecem produzidos única e exclusivamente para dar prazer a seus idealizadores. Assim os psicanalistas parecem titubear entre a ciência e a arte (Herrmann, 2008), sem encontrar um lugar apropriado para a Psicanálise.

Apesar das advertências de Spence (1994c) para abandonarmos a “sabedoria” psicanalítica que vem sendo transmitida a gerações de psicanalistas clínicos como um ofício, não adequado à produção de conhecimento científico, recorreremos a Benjamin (1936/1992) a fim de explorar a matéria de que são feitas as narrativas.

Walter Benjamin (1936/1992) ilustra com a obra de Nikolai Leskov (1831-1895), escritor russo, o ofício do narrador que longe de repetir as histórias que lhe são contadas, constrói sua narrativa entrecendo suas próprias experiências de vida àquelas que lhe chegam do mundo. Editor da vida e de seus ensinamentos práticos, o narrador reata os vínculos que nos unem pelo que temos de humano e disponibiliza tal conhecimento para o próximo, que se apropria dessa sequência infinita de histórias que se encadeiam pelo fio do sentido (Ricoeur, 1978/1999). Não há como fugir da metáfora, como há pouco aconselhava Spence, quando o fenômeno é transbordante e as palavras que teimam em explicar a experiência humana não bastam para dar conta de sua complexidade.

O narrar é humano, assim como o imaginar, o pensar, o temer, o desejar. Por que o psicanalista se furtaria a fazer uso de suas narrativas para comunicar o que se passa entre ele e seu paciente? Substituir o narrar por uma tabela ou um gráfico não amplia e nem simplifica, antes empobrece, porque faz o complexo parecer simples, além de deixar de oferecer ao outro, ao narrar, a oportunidade de viver uma experiência (Safra, 2006). Quem sabe se o problema não estaria no narrar, propriamente dito, mas no como e o quê narrar?

Narrativas interativas

Durante dez anos de trabalho clínico psicanaliticamente orientado com gestantes e jovens mães no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Aiello-Vaisberg & Granato, 2006; Granato, 2000; 2004; 2006a; 2006b; Granato & Aiello-Vaisberg, 2002a; 2002b; 2002c; 2003; 2004a; 2004b; 2005; 2008) foi possível testemunhar

não apenas o sofrimento que muitas vezes acompanhava a experiência da maternidade, mas também o contexto familiar e social em que aquele se produzia, traduzindo modos coletivos de conceber e agir em relação ao cuidado do bebê. Para além da tarefa do psicanalista-narrador que compartilha sua clínica através de narrativas psicanalíticas, levantamos a possibilidade de que o narrar possa aqui ser usado como estratégia de abordagem de concepções sobre o cuidado materno, que determinem expectativas e condutas em relação à maternidade.

Desse modo, propomos o uso de narrativas interativas com estudantes universitários que no futuro, já como profissionais, venham a se defrontar com o sofrimento psíquico materno, sem que tenham se dado conta das questões afetivo-emocionais e éticas que subjazem a sua prática. São interativas, porque tal como o Jogo do Rabisco, de Donald Winnicott (1964/1994a), tal procedimento pretende operar a partir do campo do brincar (Winnicott, 1971/1994b) onde o rabisco do pesquisador enseja o rabisco do pesquisado na co-produção de uma história que revela tanto um quanto o outro participante da pesquisa. Imaginamos poder vislumbrar campos de sentido que sustentem o imaginário sobre o cuidado materno e, dessa forma, poder trazer para reflexão expectativas idealizadas, preconceitos ou ideologias em relação à maternidade.

Elaboramos pequenas narrativas que traziam conflitos maternos observados no cotidiano de nossa clínica, apresentando somente a primeira metade da história aos participantes da pesquisa, que já estavam devidamente esclarecidos acerca do procedimento e dos objetivos do estudo. Em seguida, solicitamos que a história fosse completada pelos pesquisados da maneira como o desejassem, sem censura, sem preocupação com a linguagem ou com as expectativas do pesquisador. Terminada a história, o pesquisador contava seu próprio final, com o intuito de, com este segundo rabisco, facilitar a terceira parte do procedimento, na qual se propôs ao grupo um momento de reflexão sobre a experiência materna.

Como o narrador de Benjamin, o pesquisador conta o que ouviu e viveu em sua clínica, sob a forma de ficção, uma vez que a história não trata de um paciente em particular, com o objetivo de transmitir aquela experiência e disponibilizá-la para uso de seu interlocutor, seja como conhecimento prático sobre a vida ou como oportunidade de questionar a si e a sua conduta. Nesse primeiro momento da pesquisa estaríamos lidando com a “sabedoria” acerca da maternidade, como diria Spence em suas condenações à Psicanálise, por ser esta a forma pela qual as experiências de vida são transmitidas —

através de histórias — para mais tarde nos ocuparmos da comunicação científica de nossos achados.

No segundo momento da pesquisa, são tratados os “dados” da pesquisa, ou seja, as duas metades da história, de acordo com o método psicanalítico que preconiza como regra fundamental a associação-livre e que tem na busca do sentido da conduta humana sua inspiração fundamental, como afirma Politzer (1928/1975). As histórias criadas são trazidas para o grupo de pesquisa ao qual pertence o pesquisador, para que se deixem impressionar pelas narrativas, através da escuta psicanalítica, cuja postura de abertura, que lhe é implícita, visa a que o grupo de pesquisadores se sensibilize aos campos de sentido que estruturam tais produções.

Compreendemos os campos de sentido como o avesso da conduta humana, como seu alimento, seu combustível, como aquilo que põe em marcha a ação de cada um de nós. Tais campos são tecidos em nosso imaginário (Aiello-Vaisberg, 2008) sob a forma de concepções, ideias, desejos, angústias, preconceitos, fantasias, lembranças; enfim, como um precipitado das experiências vividas. Podemos nos surpreender com tais sentidos, ou ainda reconhecê-los como velhos amigos (ou inimigos), já que o que os define não são propriamente questões de consciência ou inconsciência, tratando-se antes de elaborações imaginativas, não apenas do que o corpo vive, como diria Winnicott (1949/1992), mas do contexto dramático em que estamos imersos. Para compreender, imaginamos, e, quando imaginamos, criamos histórias que dão sentido ao que vivemos, embalam nossos anseios e definem nossas ações. Compreendendo o sentido que sustenta as narrativas interativas sobre o cuidado materno, estaremos mais próximas do questionamento que promove a modificação de atitudes prejudiciais ao bem estar materno-infantil.

Achados preliminares

Uma primeira história, versando sobre o caso de uma mãe que abandona seu filho logo após o parto e aguarda seu julgamento na prisão, foi apresentada a um grupo de 31 estudantes de Educação Física. Através de personagens da trama inicial são oferecidas explicações sobre a conduta daquela mãe, que permanecem como pano de fundo para que os estudantes levantem suas próprias hipóteses sobre o abandono. Cada participante constrói sua história por escrito e a seu próprio ritmo, para depois se juntar ao grupo na discussão que finaliza o procedimento. Durante a discussão foram levantados alguns temas importantes:

- a tendência de emitirmos um julgamento diante da história;
- a questão da criminalização da atitude materna;
- psicopatologias maternas subjacentes;
- “frieza” do criminoso;
- uso das histórias na pesquisa;
- referência a casos de “conhecidos” ou familiares.

A vivacidade com que os participantes acolheram a tarefa, lendo a história antes que o pesquisador a lesse em voz alta, comentando-a com o colega do lado e passando imediatamente à sua execução, teve como correlato as histórias pessoais que foram escritas com igual envolvimento pessoal. Dessa observação preliminar já pudemos atestar a potencialidade do uso de narrativas interativas, no sentido de facilitar a emergência de estados afetivo-emocionais absolutamente singulares além de concepções socialmente contextualizadas, enquanto a discussão grupal parece ter se mostrado mais encobridora e defensiva, revelando mais um posicionamento “politicamente correto” em lugar da autenticidade revelada pelas narrativas.

Alguns campos de sentido puderam ser levantados como sendo aqueles que deram sustentação à trama das histórias, no sentido de organizar as falas dos personagens, a ação que se desenrolava e o desfecho escolhido, num todo coerente e justificado. A construção das narrativas dos pesquisados parece ter se dado com naturalidade e espontaneidade, segundo a regra da associação-livre, na qual se busca minimizar a auto-crítica e permitir que os sentidos afetivo-emocionais se expressem. Um dos campos focava o abandono como solução para o conflito materno, ao qual denominamos “Abandonando à Própria Sorte”. Outro enfatizava a doença mental como única explicação para aquele tipo de abandono, o campo da “Mãe Louca”. Ainda outro campo organizador do sentido trazia o arrependimento materno como fator importante da trama, identificado assim como “se arrependimento matasse...”

No entanto, concluímos que um campo maior dava sustentação às várias nuances de sentimentos, atitudes e soluções, como se todos os campos até aqui encontrados fossem variações de um mesmo. A esse campo mais amplo que, neste estudo preliminar, pareceu-nos englobar todos os outros, escolhemos chamar de “Toma que o filho é teu...”, nome que alude à intensidade da expectativa que encontramos nas histórias desses jovens com relação à mãe, como sendo aquela que deve assumir toda e qualquer responsabilidade sobre sua prole, independentemente dos motivos que possam tê-la levado

a abandonar aquele filho. Apesar de proliferarem as justificativas sobre o comportamento da mãe, as sentenças eram, em sua grande parte, cruéis e definitivas. Para a mãe que abandona, seja ela pobre, só, doente, ameaçada ou maltratada pela sociedade, a lei do “olho por olho” é a única que faz jus ao abandono, vivido como crime hediondo e, portanto, imperdoável. A mãe que abandona só pode ser má ou louca. O pai aparece como figura ausente, nula ou prejudicial. O suporte social é todo dirigido à criança abandonada e totalmente retirado da mãe que, em geral, no fim da história termina só.

Aqui trouxemos a primeira rodada de discussões sobre o uso de narrativas interativas na pesquisa dos campos de sentido da conduta humana acerca da maternidade, na qual foi possível atestar o alto nível de exigência de nossa sociedade em relação à figura materna, o que certamente define a maneira como são conduzidos o cuidado infantil, a assistência à mãe, as práticas profissionais e as leis dessa sociedade. Tivemos a oportunidade de conhecer o trabalho de Giordano (2007) que, ao trazer como ilustração o caso de uma criança chinesa abandonada por sua mãe em uma lanchonete em Amsterdã, discute a questão da criminalização desse comportamento. Segundo Giordano o abandono infantil é considerado crime sempre que praticado pela mãe, enquanto o pai é desculpabilizado e esquecido. Pais que abandonam não são presos e nem mesmo procurados pela lei. A mãe chinesa que, depois de um ano, volta para Amsterdã para ver se o filho tivera sorte melhor que a sua, foi imediatamente detida pela polícia...

Nesse sentido, nossos achados preliminares indicam o potencial heurístico das narrativas interativas que, respeitando a regra fundamental do método psicanalítico –associação livre e atenção flutuante – prestam-se não somente à investigação dos sentidos que sustentam a experiência humana, como também ao questionamento e/ou modificação de ideias e posturas assumidas diante dos conflitos apresentados.

Referências

- Aiello-Vaisberg & Machado, M. C. L. (2008). Pesquisa Psicanalítica de Imaginários Coletivos à luz da Teoria dos Campos. In J. Monzani, & L. Monzani (Orgs.), *Olhar: Fabio Herrmann - Uma Viagem Psicanalítica* (pp. 311-324). São Paulo: Ed. Pedro e João.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Granato, T. M. M. (2006). Ser e Fazer na clínica winnicottiana da maternidade. São Paulo: Ideias e Letras.
- Anadón, M. (2006) La recherche dite “qualitative”: de la dynamique de son évolution aux acquis indéniables et aux questionnements présents. *Recherches Qualitatives*, Québec, 26 (1), 5-31.
- Benjamin, W. (1992). O Narrador: Reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov. In W. Benjamin. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política* (pp. 27-57). Lisboa: Relógio D'Água. (Original publicado em 1936)
- Bleger, J. (1989). *Psicologia da Conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1983)
- Brito, A.X. & Leonardos, A.C. (2001) A Identidade das Pesquisas Qualitativas: construção de um quadro analítico. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, 113, 7-38.
- Giordano, S. (2007). Crimes and misdemeanors: the case of child abandonment. *Journal of Medical Ethics*, 33(1), 28-34.
- Gohier, C. (2004) De la démarcation entre critères d'ordre scientifique et d'ordre éthique en recherche interprétative. *Recherches Qualitatives*, Québec, 24, 3-17.
- Granato, T. M. M. (2000). *Encontros Terapêuticos com Gestantes à luz da Preocupação Materna Primária* (Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo).
- Granato, T. M. M. (2004). *Tecendo a Clínica winnicottiana da Maternidade em Narrativas Psicanalíticas* (Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo).
- Granato, T. M. M. (2006a). Modelo de Pesquisa em Psicologia da Saúde. In: F. Bortoletti (Org.), *Psicologia na Prática Obstétrica: abordagem interdisciplinar* (pp. 141-150). São Paulo: Manole.
- Granato, T. M. M. (2006b). Um Estranho Balé. In T. M. J. Aiello-Vaisberg (Org.), *Cadernos Ser e Fazer: Imaginários Coletivos como Mundos Transicionais* (pp. 154-157). São Paulo: IPUSP.
- Granato, T. M. M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2002a). O uso da Boneca-flor pelo psicólogo em seu diálogo com a clínica winnicottiana da maternidade. In T. M. J. Aiello-Vaisberg (Org.), *Cadernos Ser e Fazer: Trajetos do Sofrimento –desenraizamento e exclusão* (pp. 87-91). São Paulo: IPUSP.
- Granato, T. M. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2002b). O Nome Próprio da Filha. *Revista Mudanças- Psicologia da Saúde*, 10 (17), 107-118.
- Granato, T. M. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2002c). A Preocupação Materna Primária Especial. *Psicologia clínica*, 14 (2), 87-92.
- Granato, T. M. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2003). Ser e Fazer na Maternidade Contemporânea. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 20 (2), 71-76.
- Granato, T. M. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004a). Tecendo a pesquisa clínica em narrativas psicanalíticas. *Revista Mudanças - Psicologia da Saúde*, 12 (2), 253-271.
- Granato, T.M.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2004b). Consultorias Terapêuticas: cuidando do profissional. In T.M.J. Aiello-Vaisberg (Org.), *Cadernos Ser e Fazer: O Brincar* (pp. 75-80). São Paulo: IPUSP.
- Granato, T. M. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2005). Prímula e Narciso a caminho da preocupação materna primária. *Revista Mudanças - Psicologia da Saúde*, 13 (2), 364-373.
- Granato, T. M. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (August 2008) I was looking for a different treatment. *Psychoanalytic Review*, 95(4), 655-667.
- Herrmann, F. (2008) A Arte da Interpretação. In L. Herrmann (Org.), *Ruptura de Campo: Crítica e Clínica* (pp. 255-257). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pinto, E. B. A Pesquisa Qualitativa em Psicologia Clínica. *Psicologia USP*, São Paulo, 15 (1/2), 71-80.
- Politzer, G. (1975). *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*. Lisboa: Editorial Presença. (Original publicado em 1928)
- Ricoeur, P. (1999) *Historia y Narratividad*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1999. (Original publicado em 1978)
- Rocha-Coutinho, M. L. (2005) A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. *Estudos de Psicologia*, Natal, 11 (1), 65-69.
- Safra, G. & Edições Sobornost (Editor). (2006). *O Narrar: perspectiva clínica na pós-modernidade?* [Filme-vídeo]. São Paulo: Resposta Editorial e Comercial Ltda.
- Spence, D. P. (1982) Narrative Truth and Historical Truth. In D. P. Spence. *Narrative Truth and Historical Truth: meaning and interpretation in Psychoanalysis* (pp. 277-297). New York: Norton.
- Spence, D.P. (1994a) Introduction. In: Spence, D.P, *The Rhetorical Voice of Psychoanalysis: Displacement of Evidence by Theory* (pp.1-5). USA: Harvard.
- Spence, D.P. (1994b) A New Evidential Surface. In D. P. Spence, *The Rhetorical Voice of Psychoanalysis: Displacement of Evidence by Theory* (pp.183-199). USA: Harvard.
- Spence, D.P. (1994c) Two Kinds of Knowing. In D. P. Spence, *The Rhetorical Voice of Psychoanalysis: Displacement of Evidence by Theory* (pp. 200-204). USA: Harvard.

- Spence, D. P. (2001). Case Reports in a Two-Person World. *Psychoanalytic Psychology*, 18(3), 451-467.
- Winnicott, D. W. (1992) Mind and its Relation to the Psyche-Soma. In D. W. Winnicott, *Through Paediatrics to Psycho-Analysis: Collected Papers* (pp.243-254). Levittown: Brunner & Mazel. (Original publicado em 1949)
- Winnicott, D. W. (1994a). O Jogo do Rabisco. In C. Winnicott (Org.). *Explorações Psicanalíticas* (pp. 230-243). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1964)
- Winnicott, D. W. (1994b) *Playing and Reality*. London: Routledge. (Original publicado em 1971)

Recebido em 25/03/2010

Aprovado para publicação em 05/05/2010